

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.

RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00

Assinatura anual 20\$00

ANO XIX

DEZEMBRO 1958

N.º 147

...Vede como o Eterno é bom!...

ESTAMOS a chegar ao termo de um outro ano, que em breve se vai perder na voragem do tempo... Mais um ano, durante o qual tivemos as nossas alegrias, as nossas tristezas, as nossas lutas, assinaladas, evidentemente, com derrotas e vitórias. Agora que maquinalmente procuramos estabelecer o balanço moral e espiritual do que foi o ano que vai desaparecer, não acalentemos ilusões, por um lado, mas por outro, não nos entreguemos, também a lamentações vãs.

Se, porventura, com a ajuda do Senhor, pudemos gozar de certa prosperidade material e, principalmente, de boa saúde, tenhamos cuidado em não esquecer que tudo isso foi dádiva generosa do nosso bom Deus. Que Deus nos livre de dizer, ou pelo menos de pensar, com o insensato de que fala a Sagrada Escritura: «...a minha força e o poder da minha mão é que me adquiriram estas riquezas».

Pelo contrário, tenhamos bem na memória a expressão de Deuteronomio 8:18: «Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, que Ele é o que te dá força para adquirires poder; para confirmar o seu concerto, que jurou a teus pais.»

Se, pelo contrário, fomos assinalados pela prova, quer na nossa saúde, quer nas nossas afeições, — não percamos a coragem e, principalmente, não pensamos que Deus nos haja abandonado.

Lembre-mo-nos do apóstolo Paulo quando exclamava, cheio de confiança na protecção divina: «Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de Ti somos entregues à morte, todo o dia; fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas, somos mais do que vencedores, por Aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor». (Romanos 8:35-39).

Podem surgir os Sanballats — que sempre têm aparecido em todos os tempos — a pretender difi-

cultar a obra do Senhor e, porventura, a atormentar os Seus filhos; não esqueçamos, porém, a maneira como Nehemias respondeu às ciladas de Sanbalat: «Os que edificavam o muro, e os que traziam as cargas, e os que carregavam, cada um com uma mão fazia a obra e na outra tinha as armas... Assim trabalhávamos na obra; e metade deles tinha as lanças, desde a subida da alva até ao sair das estrelas... E nem eu, nem meus irmãos, nem meus moços, nem os homens da guarda que me seguiam largávamos os nossos vestidos; cada um ia com as suas armas à água.» (Nehemias 4).

E quanto às nossas derrotas espirituais não permitamos que o inimigo se sirva, delas para nos prostrar! Talvez nos encontremos na situação do sumo sacerdote Josué, a quem Satanás atormentava mostrando-lhe a sua indignidade, querendo convencê-lo de que estava definitivamente perdido. Deus, porém, na sua graça infinita, está pronto a intervir a nosso favor, como já o fez a favor de Josué: «Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos». (Zacarias 3:4). Também o apóstolo João nos recorda que «se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.» (1 João 2:1). É, também, o próprio Deus quem nos convida a apresentarmos a nossa causa: «Vinde, então e arguime, diz o Senhor; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmezim, se tornarão como a branca lã.» (Isaías 1:18).

Assim, quando consideramos, atentamente, os acontecimentos que até hoje marcaram a nossa vida, não poderemos deixar de notar tantas e tantas provas de bondade e de solicitude divinas a nosso respeito. Sabemos que o nosso Pai celeste não nos deixou sós neste mundo tão tempestuoso. Ainda agora quer Ele que saibamos que nos concedeu mais um ano de vida, para termos a certeza de que nos ama e de que nos perdoou, e que, por antecipação, estamos sentados com o nosso Salvador nos lugares celestiais: «Mas Deus que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou, junta-

O NATAL DE JESUS

A Crisandade celebra o Natal de Jesus, isto é, a comemoração do seu nascimento, de 24 para 25 de Dezembro. Trata-se de uma data que adquiriu foros tradicionais, mas que não corresponde à realidade. Astrónomos, historiadores e teólogos são, hoje, unânimes em afirmar que o dia 25 de Dezembro do ano — digamos — zero, não corresponde à data autêntica do nascimento do Salvador. Esta data foi apresentada pelo monge cita Dionísio o Pequeno, ou Dionísio o Exíguo, que viveu no século quarto. Estava ele em Roma, quando no ano de 553 recebeu o encargo de determinar qual devia ser o princípio da nova era. Esqueceu-se, porém, de levar em conta o ano zero, que devia ser intercalado entre o ano primeiro, antes, e o ano primeiro, depois de Jesus Cristo; também deixou de contar os quatro anos em que Augusto reinara com o nome de Octávio, que era o seu nome próprio. Temos, portanto, um erro inicial no cômputo dos anos para a determinação do nascimento do Salvador.

A Sagrada Escritura diz-nos: «Tendo, pois, nascido Jesus, em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes». (S. Mateus 2:1).

Sabemos quem era Herodes, quando viveu e reinou; foi nomeado rei de Judá, no ano 40 antes de Jesus Cristo; sabe-se que morreu no ano 4, antes de Jesus Cristo; portanto, o Salvador deve ter nascido, antes deste ano.

O dia 25 de Dezembro é mencionado, pela primeira vez, como festa do Natal, no ano de 354. Foi reconhecido, legalmente, dia festivo, pelo imperador Justiniano.

Para a escolha deste dia desempenhou papel preponderante uma festividade da Roma pagã, que comemorava, precisamente, no

dia 25 o «dies natalis invicti», isto é, o «dia do nascimento do invicto», que era o dia do solstício do Inverno. Neste dia, que era o último das Saturnais, toda a cidade de Roma tresloucava em orgias carnavalescas; era mesmo o Carnaval, que consistia em toda uma semana de desenfreamento.

O Natal de Jesus não foi, nem a 25, nem em Dezembro.

Jesus nasceu para nos salvar: foi o seu primeiro advento.

«Veio para os seus, e os seus não o receberam». Nasceu humilde e desconhecido de todos.

Mas o Senhor voltará; prometeu; cumprirá, como sempre cumpriu a sua palavra divinamente honrada.

Agora, nestes dias que a Crisandade recorda o doce nascimento do Salvador recordemos, também, o grande amor que tal acontecimento encerra.

«A história de Belém é inexaurível. Nela se acham ocultas «as profundidades das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus». Maravilhamo-nos do sacrifício do Salvador em permutar o trono do céu, pela manjedoura, e a companhia dos anjos que O adoravam pela dos animais da estabaria. O orgulho e a presunção dos homens ficam repreendidos na sua presença. Todavia, esse passo não era senão o princípio da Sua maravilhosa condescendência... «Deus permitiu que Seu amado Filho viesse a este mundo, como uma impotente criancinha, sujeito à fraqueza da humanidade... Nisto está o amor! Maravilhai-vos ó céus! e assombrai-vos ó terra!». (O Desejado de todas as Nações; cap. IV).

Alegremo-nos no Senhor pela dádiva preciosa do Seu divino Filho; mas alegremo-nos, principalmente, pela iminência da Sua

Segunda Vinda. Vivemos, agora, na «plenitude dos tempos». Tanto quanto foi humilde o seu primeiro advento, assim será glorioso o seu Segundo Advento. Tudo nos indica que o Senhor já está às portas; já está no limiar; já tem a mão no trinco...

«Aquele que testifica estas coisas diz. Certamente cedo venho. Amem. Ora vem, Senhor Jesus».

PRECISA-SE:

UM TRABALHADOR

Prezados jovens! Deus nunca chama um preguiçoso para o Seu serviço. Quando Deus deseja ter um obreiro vai chamar um operário, vai buscar quem esteja a trabalhar. Quando Deus tem um grande trabalho a realizar, vai buscar um operário que esteja a trabalhar e que saiba trabalhar. Quando Deus deseja um grande servo, vai buscar um homem bastante ocupado. É o que vemos, na Sagrada Escritura. Aqui têm alguns exemplos:

Moisés pastoreava, diligentemente, os rebanhos em Horeb.

Gedeão, o valoroso Gedeão, estava malhando o trigo no lagar.

Saúl procurava, afanosamente, o gado de seu pai.

David cuidava, atentamente, do rebanho do pai.

Eliseu andava lavrando com doze juntas de bois.

Neemias tinha grandes encargos como Copeiro do rei dos Persas.

Amós acupava-se da guarda dos rebanhos.

Pedro e André trabalhavam no rude mister da pesca.

Tiago e João também estavam ocupados consertando as redes.

Mateus estava bastante ocupado no seu escritório da recebedoria de impostos.

mente, com Cristo (pela graça sois salvos); e nos ressuscitou juntamente com Ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus, para mostrar, nos séculos vindouros, as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus». (Efésios 2:4-7).

Prezados Irmãos! Que o Ano Velho que vai findar sepulte tudo o que é próprio do homem velho, para que, como homem novo, nos aprontemos, cuidadosa e diligentemente, para a Vinda gloriosa do Senhor Jesus — cujo dia e hora não sabemos, mas que tudo nos indica estar iminente.

E o Verbo se fez carne

Recorda a Crisandade, neste mês de Dezembro, o nascimento do Salvador. Por mais de mil anos aguardara o povo judeu a vinda do Salvador. Nesse acontecimento fundamentara as suas mais gloriosas esperanças. No cântico e na profecia, no ritual do templo e nas orações domésticas haviam envolvido o Seu nome. Entretanto, por ocasião da Sua vinda, não O conheceram. O Bem-Amado do céu foi para eles «como raiz numa terra seca»; não tinha «parecer nem formosura»; e não Lhe viam beleza nenhuma para que O desejassem. «Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam» (O Desejado de todas as Nações; cap. II).

S. João, no início do seu Evangelho, com voo de águia eleva-se a contemplar a geração eterna do Verbo e a sua encarnação.

«No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens... E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (S. João 1:1-14).

Infelizmente, este magnífico prólogo do Evangelho de S. João não é, devidamente compreendido pela maioria dos Cristãos, quer pela pouca atenção que Lhe prestam, quer porque nele se resumem em breves mas expressivas palavras, a origem eterna e a acção universal do Verbo até à sua encarnação, por nós.

E quem é, afinal, este Verbo, que se fez carne?

«Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.»

Com estas palavras, Pedro pretendia declarar ao Mestre que Ele era não só o Messias, mas também o Filho de Deus, num modo especialíssimo, superior a todos os outros seres, que são filhos de Deus por criação; mas Jesus é o Filho de Deus, por natureza.

«Todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anti-Cristo do qual já ouvistes que há-de vir, e eis que está já no mundo.» (I João 4:3).

João associa-se a Pedro no reconhecimento do Filho de Deus e condena os que o negam, pois considerando Jesus como um simples homem, embora santo e grande.

Quem não reconhece Jesus como Cristo, nega o Filho, porque Jesus é o Filho de Deus manifestado homem.

«Quando veio a revestir a natureza humana declarou-se «Eu sou». O menino de Belém, o manso e humilde Salvador não é outro senão Deus «manifestado na carne» (I Timóteo 3:16).

«Deus connosco» representa a segurança da nossa libertação do pecado, a garantia do nosso poder de obedecer à lei do Céu.» «Emanuel... Deus connosco.» A luz do conhecimento da glória de Deus é visível no rosto de Jesus. Desde os dias da eternidade o Senhor Jesus era um com o Pai; era a imagem da sua grandeza e majestade, a manifestação da sua glória. Foi precisamente para manifestar esta glória que Jesus veio a este mundo; nesta terra obscurecida pelo pecado veio Jesus a revelar a luz do amor de Deus, para ser «Deus connosco». Por isso foi profetizado a seu respeito: «O seu nome será chamado Emanuel.» (Irmã White).

S. João na sua primeira carta não só insiste que «é mentiroso aquele que nega que Jesus é o Cristo», mas acrescenta que «é o anti-Cristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho.» (I João 2:22). E volta, ainda, a repetir que «o anti-Cristo (adversário de Cristo) é aquele que «não confessa que Jesus Cristo veio em carne.» (I João 4:3).

Jesus aceitou revestir a natureza humana quando esta se encontrava enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como todo o descendente de Adão, aceitou Jesus os

resultados da obra da grande lei da hereditariedade...

Também Deus permitiu que o Seu Filho viesse a este mundo sobre o qual Satanás reclamava o seu domínio; foi assim que nasceu o Filho de Deus, como uma criancinha débil e necessitado de toda a existência, sujeito às fraquezas da humanidade; igualmente permitiu que combatesse a batalha, como todo o homem a deve combater, isto é, com o risco da derrota e da perda eterna.» (Irmã White).

«Efectivamente, Jesus, no Getsémani perguntou a Deus se o cálix podia ser afastado. O Filho de Deus, homem, tremeu naquela hora difícil. A sorte da humanidade pendia na balança. Jesus podia, ainda, recusar-se a beber o cálix que pertencia ao homem pecador. Podia limpar do rosto o suor de sangue, e deixar o homem perecer na sua iniquidade. Jesus vê o destino que o espera, e toma a sua decisão. Salvará o homem a todo o custo. Aceita o seu baptismo de sangue, para que milhões de almas possam obter a vida eterna.» (Irmã White).

Como decorre a infância de Jesus? A este respeito apenas encontramos dois versículos no Evangelho de S. Lucas. O primeiro diz:

«E o menino crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele.» No segundo, um pouco mais adiante diz: «E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura e em graça para com Deus e os homens.»

Destes curtos versículos registados no capítulo segundo de S. Lucas resulta, com evidência, que, embora a sabedoria e a graça divina enchessem, desde o princípio, a humanidade de Jesus, esta teve, porém, os desenvolvimentos próprios da natureza humana, porque, de outro modo Jesus não teria sido um homem verdadeiro, semelhante em tudo, a nós, excepto no pecado.

E isto não se realizou só apa-

rentemente, como muitos afirmam, mas na realidade, porque o Evangelista escreve que Ele crescia em idade, em sabedoria e em graça, não só aos olhos dos homens, mas também diante de Deus.

É certo que, segundo o espírito e os métodos da vida escondida, se Jesus mostrava uma inteligência superior ao comum, e uma virtude e dignidade todas particulares, Ele, nem então, nem em seguida, até aos trinta anos, deu nenhuns sinais de sabedoria nem de poder sobre-humano.

Tanto é assim que, quando saiu para a sua missão pública, e regressou a Nazaré para aqui expor o seu programa messiânico, os nazarenos ficaram, a princípio, estupefactos, e depois indignados, perguntando a si mesmos, onde é que Ele tinha adquirido tanta autoridade e sabedoria, pois até àquela altura tinha vivido, como qualquer um deles, exercitando o humilde ofício de carpinteiro. Portanto devem rejeitar-se, absolutamente os milagres — de resto absurdos e ridículos — que os evangelhos apócrifos atribuem a Jesus, na sua infância. O Senhor Jesus nunca fez um milagre para seu proveito, isto é, nunca exercitou o seu poder divino para proveito próprio. Todas as obras maravilhosas que realizou, durante o seu ministério tinham por objectivo o bem dos outros; se Jesus tivesse operado um milagre para as suas necessidades materiais, ter-se-ia anulado o plano da salvação, tal como havia sido pré-estabelecido.

Há que reter duas coisas: podemos, sem querer, negar a divindade de Jesus; e também podemos não confessar que Jesus tenha vindo em carne.

Quando Tomé lhe perguntou para onde ia e qual era o caminho, respondeu: «Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim». E já anteriormente dissera: «Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á».

Portanto, se Jesus é a porta que conduz ao Pai; se afirma, categoricamente, que não há nenhum outro caminho para se ir ao Pai — poderemos lá chegar, por outro meio? Por isso S. Paulo ex-

clama triunfante: «Quem os condenará? Pois é Cristo, quem morreu, ou antes, quem ressuscitou de entre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós». (Romanos 8:34). Também noutro passo escreve S. Paulo que o Filho de Deus feito homem é o único mediador, porque fez tudo quanto era necessário para a reconciliação de Deus com o homem: «Há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem. O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos». (I Timóteo 2:5,6).

A estas afirmações tão explícitas podemos acrescentar a de S. João: «Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo». (S. João 2:1). Também o conhecido S. Agostinho no seu livro «De civitate Dei» se exprime assim: «Quando um rei estabelece um intermediário entre a sua pessoa e o povo, o intermediário não gosta que as causas que por direito lhe foram confiadas pelo soberano, sejam tratadas por outras pessoas. Assim, quando Jesus Cristo foi constituído o Único Sumo Sacerdote e Intercessor junto do Pai, porque iremos pedir a outros?»

Na qualidade de intercessor, Jesus apresenta-nos a Deus como seus irmãos e irmãs. Intercede a favor dos que creem n'Ele e o aceitam como um com o Pai.

E de que modo não confessamos que Jesus Cristo veio em carne?

Na introdução do Evangelho de S. João (cap. 1:14) lê-se: «E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade».

A multidão seguia Jesus porque havia sido alimentada com o milagre da multiplicação dos pães. Jesus, porém procurou ensinar-lhes a profunda lição espiritual do milagre dos pães: «Vós buscais-me, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes. Trabalhai, não pela comida que perece (mas pela comida que permanece para a vida eterna,

a qual o Filho do homem vos dará... Eu sou o pão da vida». (João 6:26,27,35). No dia precedente, a multidão esfomeada havia sido alimentada por meio da multiplicação dos pães. Assim como o pão lhes havia dado força, assim Jesus Cristo lhes podia dar a força espiritual para obterem a vida eterna. «Aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede». A imagem de que Jesus se serviu era familiar aos Judeus. Moisés, inspirado por Deus havia dito: «O homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem». (Deuterónimo 8:6). O profeta Jeremias também escreveu: «Achando as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração». (Jeremias 16:15).

Os próprios rabinos haviam dito que comer o pão, espiritualmente falando, queria dizer, estudar a lei e praticar as boas obras. Ouviam-se frequentemente, as seguintes palavras: «Quando vier o Messias, todo o Israel será saciado».

Vindo a habitar entre nós, Jesus devia revelar Deus aos homens. Era Ele a Palavra de Deus, o pensamento de Deus tornado audível.

«A Palavra de Deus é a semente; toda a semente tem em si um princípio germinativo; nela está encerrada a vida da planta; portanto, na Palavra de Deus está a vida. Jesus diz: «As palavras que vos digo são espírito e vida. Aquele que escuta a minha palavra e crê n'Aquele que me enviou, tem a vida eterna». Em toda a ordem e em toda a promessa da Palavra de Deus há uma força que é a própria vida de Deus, mediante a qual a ordem pode ser executada e a promessa realizada. Aquele que mediante a fé aceita a Palavra, recebe a vida e o carácter do próprio Deus». (Irmã White).

Uma vez que o Espírito é vida e as palavras de Jesus são vida, e uma vez que a carne corporal para nada serve, as palavras de Jesus e o seu Espírito tornam-se tudo na vida do indivíduo; portanto, discernir o seu corpo signi-

Porque o homem tem conseguido lançar os famosos satélites artificiais até uns 2840 quilômetros fora da superfície da Terra, têm-se feito muitas especulações, nomeadamente, que dentro em pouco vão ser enviados satélites para a Lua ou para Marte, ou até para as mais distantes partes do mundo astral.

Cientistas prudentes, contudo, têm acentuado que há grande diferença entre enviar satélites equipados com instrumentos científicos, que se desfazem depois de haverem efectuado o seu trabalho, e fazer um satélite em que um homem possa viver confortavelmente, durante uma viagem interplanetária, e trazê-lo, de novo, incólume no fim dessa mesma viagem.

Numa recente Conferência da Era do Espaço em Los Angeles, o físico Lee Du Bridge, presidente do Instituto de Tecnologia da Califórnia, feriu, precisamente essa nota de advertência.

Disse aquele sábio que é certo que se têm abandonado nos espaços desconhecidos, durante anos, muitos instrumentos, os quais voltam à Terra — quando voltam! — mas num tremendo cataclismo; mas já assim não se passa com o homem — acrescenta o prof. Du Bridge.

«Asseguro-vos — continua ele — que isto não é fácil; ainda estamos longe da mais leve ideia, quanto à maneira como se poderá realizar tal empresa.»

«Algum dia — disse — os seres humanos insistirão... em fazer viagens interplanetárias. O espírito humano de aventura não pode ser suprimido, nem lhe interessa, quanto pode custar... Mas quando falamos sobre desembarque de homens na Lua, em Marte, ou em

DOIS PLANOS PARA UMA VIAGEM INTERPLANETÁRIA

Por ARTUR S. MAXWELL

qualquer outro planeta, e a possibilidade do seu regresso à Terra, são e salvos, estamos falando em termos de nova ordem, de magnitude, de dificuldade e de custo.»

Seguidamente perguntou se «as complicações e as despesas» valeriam, realmente, a pena!

É certo que satélites não tripulados, carregados com uma variedade de instrumentos registadores, e girando em torno da terra poderiam recolher grande quantidade de dados científicos, mediante um controle remoto, sem necessidade de serem dirigidos pessoalmente, no seu voo. E mesmo para a exploração da Lua e dos planetas mais distantes, os foguetes tripulados teriam pouca vantagem sobre os robots e envolveriam mais problemas.

Assim o prof. Du Bridge é de opinião de que ainda terá de decorrer muito tempo para que o homem empreenda, com êxito, a conquista do espaço estelar.

Mas embora o plano do homem para viagem interplanetárias seja vago e incerto, os estudantes da Bíblia lembram-se, de certo, de que o próprio Deus, e não o homem, já dispôs os planos para uma mais longa e mais importante viagem interplanetária; esses planos já foram indicados, há quase dois mil anos na Sua Palavra; pois é muito natural que tais planos venham a ser postos em execução, antes que o homem empreenda com êxito a sua saída para fora do fino envólucro da própria atmosfera da terra.

A diferença vital, naturalmente, entre os planos de Deus e os dos

homens, e que torna o destes, bastante incertos, e os primeiros, infalíveis e seguros, é que Deus se propõe enviar o Seu próprio Filho, para pessoalmente convocar e dirigir os privilegiados viajantes interplanetários na sua jornada.

«Porque o mesmo Senhor descerá do Céu», escreveu o apóstolo Paulo, e os que morreram em Cristo, ressuscitarão primeiro; depois nós (os que também estamos em Cristo), os que ficarmos vivos, seremos arrebatados, juntamente com Ele nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. *1 Tessalonicenses 4:16 e 17*.

Incomparavelmente, mais maravilhosa será esta viagem divinamente organizada, do que o máximo que o homem possa imaginar ou conceber.

João, no Apocalipse diz-nos que a sua duração, incluindo uma esplêndida permanência no Céu, a habitação de Deus, não durará menos que mil anos. (Apocalipse 20:4). E, quando findar esta deslumbrante estadia no Céu, os privilegiados viajantes voltarão com as suas maravilhosas recordações, a fim de «herdar» a Terra renovada, para sempre.

Quão infinitamente mais atraente não é o programa da viagem interplanetária de Deus, do que qualquer perspectiva científica que o homem tenha para oferecer!

Por que não havemos nós de fazer planos, desde já, para tomarmos parte nesta maravilhosa viagem interplanetária, que Deus nos preparou?

fica discernir o significado das suas palavras, que de resto estavam personificadas na sua carne. Este discernimento é possível, mediante o Espírito. A Bíblia é a prova suprema de toda a doutrina; tudo o que não se harmonizar ou não estiver de acordo com a Bíblia, deve ser rejeitado. Todo e qualquer ponto de doutrina, mesmo que haja sido aceito como verda-

de, deve ser confrontado com a Lei e com o Testemunho; se não estiverem de acordo com estas duas normas, quer dizer que «não têm nenhuma luz».

«A lei de Deus é a expressão da Sua mesma natureza; é ele a representação do grande princípio de amor e como tal é a base do Seu governo no Céu e na terra. Se os nossos corações forem reno-

vados e ficarem aptos a aceitar o amor divino, não conseguiremos nós obedecer à Lei de Deus?...

A obediência, entendida como serviço e fidelidade ao princípio do amor, é um verdadeiro sinal do discipulado; por isso diz a Sagrada Escritura: «E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos». (Irmã White).

A IGREJA CRISTÃ E O TESTEMUNHO ESCRITO

Na era apostólica a religião cristã era uma só. Havia um só Deus, uma só fé, um só baptismo. (Efésios 4:5).

A Bíblia era o guia seguro da verdade, apesar de constar, apenas dos livros proféticos e da lei (II Timóteo 3:16); o apóstolo S. Paulo aconselhava, então, os crentes a que não fossem além do que estava escrito. (I Coríntios 4:6).

Em virtude dessas advertências e desse respeito pela imutabilidade da Palavra de Deus, é que os cristãos primitivos mantinham fidelidade à observância do repouso semanal conforme fora estabelecido por Deus no sétimo dia da semana, relatório que encontramos em S. Lucas 23:56.

Foi só no início do século IV (ano de 312) com a aparente conversão do Imperador Constantino ao Cristianismo e com as suas tremendas consequências pela oficialização da Igreja Cristã e infiltração do paganismo no seu seio, realizada subtilmente pela admissão dos dogmas e práticas que não encontram apoio nas Sagradas Escrituras — foi só então, que vamos encontrar a referida Igreja abandonando os seus trajes de pureza original simbolizados na profecia do Apocalipse 6:2 por um *cavalo branco* e penetrando numa senda de apostasia representada pelo rubor de um *cavalo vermelho*.

De tal modo a Igreja mudou as suas feições que a profecia mostrou como faria impor a sua apostasia pelo poder da força, facto este simbolizado na espada que foi dada ao poder temporal, que defendia a sua íntima aliança com a Igreja. (Apocalipse 6:4).

Entretanto, os estudiosos da Palavra de Deus não seriam golpeados de surpresa, uma vez que S. Paulo os advertiu conforme lemos em Actos 20:28-30.

Já, séculos antes, o profeta Daniel havia vaticinado que do orgulho sacrílego e pagão do Império Romano, se ergueria um poder simbolizado por uma ponta

JOSÉ ESPÍNOLA F. CARVALHO

pequena, que lançaria a Verdade por terra e faria o *engano* prosperar em seu lugar. (Daniel 8:12, 24 e 25).

Para o cumprimento dessa desoladora profecia foram empregadas as armas da argúcia e da subtilidade dos imperadores, que como instrumentos nas mãos de Satanás, usaram o método de aparência sublime de elevar a Igreja ao apogeu da glória.

Quando a Igreja se viu na posição de Igreja Oficial, dominadora, portanto, começou a confiar, mais em si mesma do que a depender de Deus, o que a levou à ruínosa queda da apostasia. Altaneira, perante os homens, mas por terra, diante de Deus.

Dentre os detalhes da verdade lançados por terra, desejo salientar a violência cometida contra o memorial da criação, o dia do Senhor — o Sábado. (Isaías 58:13).

O repouso semanal praticado por Jesus, pelos apóstolos, pelos demais discípulos e nomeadamente pelas santas mulheres (S. Lucas 23:56), foi pretenciosamente desarraigado para ser substituído pelo primeiro dia da semana, atitude que parecia comemorar a ressurreição de Jesus, mas que nada mais era, do que uma submissão à doutrina pagã do culto ao Sol. Prova disto encontramos na expressão do decreto de Constantino, imperador romano promulgado a 7 de Março de 321, onde se legislou assim: «No venerável *Dia do Sol*, os magistrados e o povo e cidades descancem e fechem-se todas as oficinas...» Observe-se que o descanso foi tornado oficial, não no domingo, mas no venerável *Dia do Senhor*, pois pela época do IV século a palavra domingo não existia e este dia era conhecido, como «primeiro dia da semana», o que se pode observar na própria expressão evangélica de S. Marcos 16:9.

Como o mitraísmo, que era o culto de adoração ao Sol, tinha as suas liturgias neste «primeiro dia da semana» e, considerando que Constantino era de origem pagã, portanto, um praticante da adoração ao Sol, manifestou o seu costume pagão numa lei que iria influir sobre o Cristianismo, levando esta religião a admitir uma prática pagã, que condenara durante séculos.

Observamos, aqui, que a Igreja Cristã começava a ser seduzida e devorada pelos «lobos cruéis», que segundo S. Paulo surgiram depois da sua partida (Actos 20:28-30).

Foi por meio deste decreto de Constantino que a observância do «primeiro dia da semana» foi tornada legal.

Embora os Cristãos, após a morte do último apóstolo, no ano de 98, houvessem começado a dedicar ao «primeiro dia da semana» um aspecto festivo, em memória da ressurreição de Jesus, mesmo sem autorização do Mestre, ou dos santos apóstolos e menos das Sagradas Escrituras, a verdade é que não davam a este dia o carácter do «dia do Senhor», ou do repouso semanal, pois continuavam a praticar a instituição divina do sétimo dia — o Sábado. Há documentos que provam esta afirmação, como por exemplo:

«O sétimo dia — Sábado, foi solenizado por Jesus Cristo, pelos apóstolos e pelos cristãos primitivos, até que o Concílio de Laodiceia (ano de 364), de certa maneira aboliu, inteiramente, a sua observância...» (*Dissertation on the Lord's Day*, por Prynne, pág. 163).

Que vemos aqui? Aquele decreto imposto pelo poder do Estado 33 anos antes, é agora sancionado, apoiado e eclesiasticamente aceite como dogma num Concílio da Igreja. Não é isto uma prova evidente de que a Igreja estava caindo da sua posição original como movimento de Deus na Terra? Em vez de pre-

(Continua na pág. 16)

CAIXA DE PERGUNTAS

Recebemos uma carta, na qual se expõem várias dúvidas e dificuldades, que oportunamente serão resolvidas. A primeira dificuldade que o nosso prezado consulente nos apresenta é a seguinte:

«Parece-me que só temos de cumprir um único mandamento; é o novo mandamento que Jesus nos deu, de nos amarmos uns aos outros; efectivamente, Jesus declarou que devemos guardar os Seus mandamentos, da mesma maneira que Ele guardou os do seu Pai. De resto, a Bíblia também diz que o amor é o cumprimento da lei».

É certo que o Senhor Jesus disse: «Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também vós vos ameis uns aos outros» (S. João 13:34).

É claro que destas expressões de nosso Senhor não se pode concluir que os Mandamentos estão abolidos. O texto, nem a lógica permitem tal conclusão.

Jesus não disse que deveríamos guardar o Seu mandamento *em lugar* dos de Seu Pai. Seria da parte do Filho um desacato, uma rebelião, desobrigar-nos das leis do Pai, estabelecendo outras novas, em lugar delas. O desígnio de Jesus não era destruir os grandes ensinamentos nem as leis morais dados em séculos anteriores. No seu sermão da montanha disse claramente: «Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.» (S. Mateus 5:17,18).

Continuando a leitura do admirável sermão da montanha, vemos que o Senhor Jesus disse aos seus ouvintes que estavam a considerar vários dos mandamentos do Decálogo sob um ponto de vista muito estreito. Em lugar de abolir, ou mesmo de restringir os mandamentos de Seu Pai, Jesus deu-lhes um sentido mais amplo.

Assim, no mandamento que deu aos discípulos relativamente ao amor, a sua intenção era a de que considerassem essa virtude

num sentido mais lato e mais santo, do que o haviam feito, até, então. Queria que eles se amassem uns aos outros, não segundo a maneira por que o mundo interpreta o amor — egoisticamente, ou mesmo de maneira puramente sentimental. Jesus manifestara-lhes com a Sua vida o que é na realidade o amor verdadeiro, desinteressado — amor como nunca até então fora testemunhado na terra.

Nesse sentido o Seu mandamento era verdadeiramente novo. Cumpria-lhes, portanto, não só amarem-se uns aos outros, mas «que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei.»

Vejamos, agora, a afirmação do nosso consulente de que «o amor é o cumprimento da lei».

O nosso consulente amplia, muitas vezes, esta declaração, dizendo que o próprio Jesus afirmou que tudo o que precisamos fazer é amar a Deus de todo o coração e ao nosso próximo como a nós mesmos.

Vejamos, porém, na Sagrada Escritura a expressão exacta: «Um deles, doutor da lei, interrogou-O para o experimentar dizendo: Mestre, qual é o grande mandamento na lei? E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.» (S. Mateus 22:35-40).

Jesus não estava a apresentar nenhuma doutrina nova. Pelo contrário, estava respondendo a uma pergunta específica: «Qual é o grande mandamento na lei?» As suas palavras são uma citação, quase textual do Velho Testamento. (Veja-se Deuterónimo 6:5 e Levítico 19:18). Por outras palavras: os dois grandes mandamentos que ordenam o amor de Deus e do próximo, pertencem, definitivamente aos tempos do Velho Testamento. Ora, se estes

dois mandamentos fossem ocupar o lugar do Decálogo, para que é que este teria sido dado? Mas os próprios Israelitas que ouviram a exortação de amar a Deus e ao próximo, ouviram, também, a ordem positiva de obedecerem aos dez preceitos do Decálogo.

Não, prezado consulente; esses dois mandamentos sobre o amor não substituem qualquer outra lei. Pelo contrário: o Senhor Jesus declarou que «destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.»

O nosso consulente parece pretender que os dois mandamentos do amor sejam independentes, e que todos os demais deixem de existir. Mas isto é, nitidamente, contrário aos ensinamentos do Senhor Jesus, como vamos ver.

Conforme as Sagradas Escrituras, não se pode separar o amor, da lei. «Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os Seus mandamentos; e os Seus mandamentos não são pesados.» (I João 5:2,3).

Se amarmos deveras o nosso semelhante, não lhe roubaremos os bens, nem o caluniaremos, nem o mataremos. Efectivamente, não faremos nenhuma destas coisas proibidas pelos mandamentos de Deus. E se amarmos deveras a Deus, também não nos inclinaremos perante deuses falsos, nem tomaremos em vão o nome do Senhor, nem empregaremos em nosso proveito o Seu santo dia de Sábado e os Seus dizimos. Por outras palavras: se amarmos a Deus e aos nossos semelhantes, não transgrediremos, deliberadamente, qualquer dos Dez Mandamentos. Deste modo, prezado consulente, o amor é o cumprimento da lei. Em vez de ser substituto da lei, é ele o poder que promove a verdadeira obediência aos mandamentos de Deus.

A Bíblia adverte-nos contra os que dizem que conhecem e amam a Deus, mas recusam guardar os Seus mandamentos; tal amor é falso.

Relevância e direitos de minorias religiosas

Segundo o censo de 1950, a Metrópole, numa população de 8.510.240, conta 342.783 habitantes que declararam não professar a religião católica.

As estatísticas portuguesas nada nos revelam acerca das crenças destas minorias religiosas. A darmos crédito ao Anuário Demográfico da ONU, 55.037 pertencem a «outras religiões», e 218.818 não professam qualquer religião ou têm para com a religião uma atitude desconhecida (1).

Se aceitarmos como aproximado o cálculo de 4.000 para a população judaica (2), restam uns 50.000 protestantes.

Estes números, porém, não são suficientemente expressivos.

Com efeito, o ponto de partida para a classificação de «católico» é o baptismo em tenra idade. É assim que no total dos católicos figuram 1.355.099 menores de oito anos. Por outro lado, inúmeras pessoas que foram baptizadas em crianças continuam a ser consideradas católicas, embora mais nenhum contacto tenham mantido durante a vida com a igreja de que são membros.

O mesmo não sucede, em geral, com as igrejas evangélicas, nas quais o baptismo é ministrado apenas a quem dá provas de acreditar nas respectivas doutrinas e de ter a vida em harmonia com elas.

Note-se ainda que as igrejas evangélicas são frequentadas por muitas pessoas que estão plenamente de acordo com as doutrinas pregadas, mas não podem ser consideradas membros por quaisquer circunstâncias de sua vida. É o que se passa com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, da qual não pode ser membro quem trabalhe ao Sábado, quem beba ou fume.

Compreende-se, assim, que a população protestante, tendo tomado a sua posição com plena consciência, num ambiente manifestamente desfavorável, constitua uma fracção de particular rele-

vância, para não dizermos uma elite, na Nação.

Se compararmos a Metrópole com as restantes parcelas do Império Português, ficamos em presença dos seguintes números, constantes do censo de 1950:

Por ERNESTO FERREIRA

há 1 protestante para cada 2,5 católicos; em Moçambique, há 1 protestante para cada 2,9 católicos, e 1 católico para cada 2,07 maometanos; e, entre a população

População do Império Português, segundo

	Católicos	Protestantes	Israelitas	Maometanos	Hindus-tas	Budistas	An
Metrópole	8.167.457	50.000	4.000	--	--	--	
Cabo Verde	145.724	1.534	--	--	--	--	
Guiné:							
Popul. civilizada	7.810	185	--	--	--	--	
Popul. não-civilizada	4.411	43	--	180.623	--	--	3
S. Tomé e Príncipe ...	49.738	2.788	--	--	--	--	
Angola:							
Popul. civilizada	122.737	8.691	32	--	5	10	
Popul. não-civilizada	1.380.126	532.621	--	--	--	--	2.0
Moçambique:							
Popul. civilizada	65.987	3.039	157	13.588	3.885	598	
Popul. não-civilizada	288.434	96.232	--	598.767	--	--	4.6
Índia Portuguesa	234.021	--	--	--	388.488	--	
Macau	10.257	1.832	--	112	--	171.206	
Timor (1):							
Popul. civilizada	7.471	--	--	--	--	--	
Popul. não-civilizada	60.000	--	--	--	--	--	3
Totais	10.544.173	696.965	4.189	793.101	392.378	171.814	7.4
<i>Sumário</i>							
Metrópole	8.167.457	50.000	4.000	--	--	--	
Ultramar:							
Popul. civilizada	643.745	18.069	189	13.711	392.378	171.814	
Popul. não-civilizada	1.732.971	628.896	--	779.390	--	--	7.4
Totais	10.544.173	696.965	4.189	793.101	392.378	171.814	7.4

(1) *Demographic Yearbook*, da ONU, para 1956, pág. 278.

(2) *American Jewish Year Book*, 1950, pág. 247.

(3) No censo de 1950, a população de Timor não aparece discriminada segundo todos os civilizados como católicos, e demos crédito à informação de que «dos nativos, 6% (Timor Português, pelo Capitão Hélio A. Esteves Felgas, Lisboa, Agência Geral do Ultramar)». Desejando dados mais concretos, escrevemos à Secretaria Episcopal da Diocese de Timor, Rev. P. Francisco dos Santos Afonso, amavelmente nos forneceu os seguintes dados:

População católica

Europeus e outros	936
Mestiços	1.010
Nativos	72.045
	73.991

Protestantes
Maometanos
Budistas
Animistas

Total da População 503.471

Examinando um pouco mais de perto estes números, verificamos que, entre a população não-civilizada, na Guiné, há 1 católico para cada 40 maometanos; em Angola,

civilizada da Índia e de Macau há, respectivamente, mais hindus-tas e budistas do que católicos.

Em números aproximados, numa população de cerca de 20 milhões

de habitantes, o Império Português conta 50 % de católicos, 35 % de animistas e 15 % de adeptos de outras religiões.

*

O perigo das minorias religiosas para a unidade nacional constitui um falso postulado, comumente aceito e preconizado pelas religiões populares detentoras de

o a Religião

Animistas	Outras Relig. Sem Relig. Relig. Ignorada	Sub-Total	Total
—	288.783	—	8.510.240
—	1.073	—	148.331
—	325	8.320	—
17.180	—	502.457	510.777
—	7.833	—	60.159
—	3.869	135.355	—
93.276	3.888	4.009.911	4.145.266
—	4.700	91.954	—
63.524	—	5.646.957	5.738.911
—	15.442	—	637.951
—	4.365	—	187.772
—	—	7.471	—
74.907	—	434.907	442.378
49.087	330.078	—	20.381.785
—	288.783	—	8.510.240
—	37.407	1.277.313	—
49.087	3.888	10.594.232	11.871.545
49.087	330.078	—	20.381.785

o a religião. Considerámos, com optimismo, 10.000 são católicos; os restantes, animistas». Amar, 1956, pág. 384).

de Dili, que, pelo Procurador da Diocese, referentes a 31 de Dezembro de 1957:

População não católica

7
254
4.549
424.674
429.484

uma situação de privilégio. Assim pensavam os sacerdotes judeus e romanos perante o surto da igreja cristã incipiente; assim pensamos hoje os mentores religiosos maome-

tanos, hinduístas e budistas por um lado, e os chamados ortodoxos, por outro lado, perante o dinamismo dos movimentos missionários evangélicos e católicos.

O oportunismo de tal posição é posto em evidência pelo facto de que as mesmíssimas religiões que num país perseguem as minorias discordantes, são as que com mais veemência defendem a liberdade religiosa nos países em que, elas próprias, ocupam uma situação minoritária.

De qualquer modo, o referido postulado contradiz as lições da História e da observação hodierna.

O bloco monolítico religioso de certas nações tem sido uma das causas determinantes do seu atraso na civilização. Haja em vista o que se passa com o Afeganistão, o Tibete, a Grécia moderna e a Espanha. Por outro lado, nações religiosamente divididas nada têm sofrido com esse facto e encontram-se na vanguarda dos povos civilizados, como, por exemplo, a Suíça, a Alemanha e os Estados Unidos.

Já Montesquieu escrevia nas *Lettres Persanes*:

«Se quisermos pensar sem preconceitos, não sei, Mirza, se não será bom que num Estado haja várias religiões.

Observa-se que os que vivem em religiões toleradas se tornam geralmente mais úteis à sua pátria do que os que vivem na religião dominante, porque, afastados das honras, não podendo distinguir-se senão pela sua opulência e as suas riquezas, são levados a adquiri-las pelo seu trabalho, e a abraçar os empregos mais difíceis da sociedade.

De resto, como todas as religiões contêm preceitos úteis à sociedade, é bom que elas sejam observadas com zelo. Ora, que há de mais apto para animar esse zelo do que a sua multiplicidade?

São rivais que nada se perdoam. A emulação desce até aos particulares: cada um vigia, e receia fazer coisas que desonrariam o seu partido, e o exporiam ao desprezo e censuras descaráveis do partido contrário.

Por isso se notou sempre que uma nova seita, introduzida num

Estado, tem sido o meio mais seguro para corrigir os abusos da antiga.

Talvez se diga que não é do interesse do príncipe o sofrer várias religiões no seu Estado; mas mesmo que todas as seitas do Mundo ali viessem reunir-se, isso não lhe ocasionaria nenhum prejuízo, porque não há nenhuma que não prescreva a obediência e não pregue a submissão.

Confesso que as histórias estão cheias de guerras de religião; mas note-se bem que não foi a multiplicidade das religiões que produziu essas guerras, mas o espírito de intolerância que animava a que se considerava dominante» (1).

Bem sabemos que para muitas pessoas Montesquieu é um escritor suspeito. Mas ouçamos o insuspeito Prof. Doutor Fezas Vital:

«Hoje pode dizer-se que em nenhum país civilizado há unidade religiosa, porque em todos uma parte da população ou não crê ou professa religião diversa da religião da maioria. Em Portugal, por exemplo, em que a grande maioria professa a religião tradicional, a religião católica, há, no entanto, muitos portugueses que não professam qualquer religião e há muitos outros que professam religião distinta da católica. Por conseguinte, a diversidade de crenças não impede a unidade nacional, e não podemos afirmar que um português que não é católico, não é, sob o aspecto nacional, um bom português» (2).

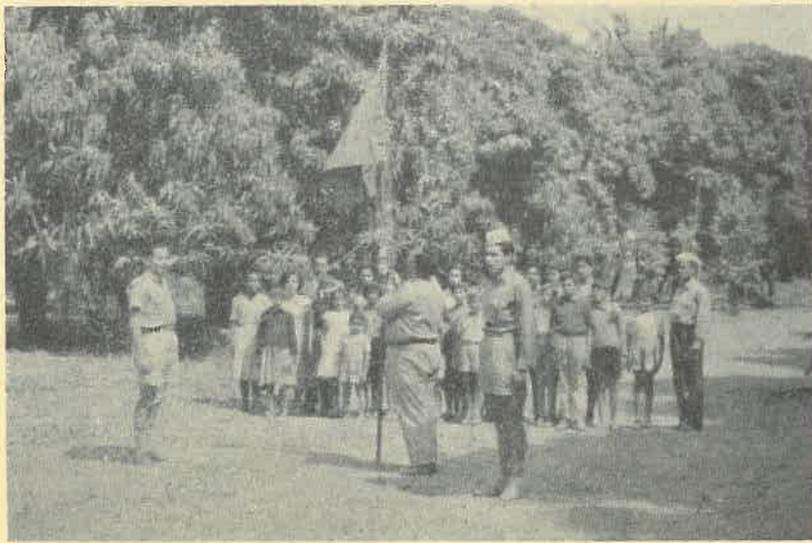
*

Já vimos, em artigos anteriores, que os membros das minorias religiosas não devem ser considerados como cidadãos de segunda classe dentro da Nação. A sua liberdade religiosa é assegurada, tanto pela Constituição, como pela própria Concordata. Gozam portanto de todos os direitos desfrutados por

(1) Montesquieu, *Lettres Persanes*, Lettre LXXXVI.

(2) João Rui P. Mendes e José Agostinho de Oliveira — *Direito Constitucional, segundo as lições magistrais do Prof. Doutor Fezas Vital*, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 1.º Ano — 1936 a 1937, págs. 71, 72.

ECOS DO 1.º ACAMPAMENTO CULTURAL DA JUVENTUDE ADVENTISTA EUROPEIA DE ANGOLA



O hastear da bandeira dos M. V.
pelo Director do Acampamento, Pastor A. Casaca

Conforme noticiámos no nosso número de Outubro último, efectuou-se, nos arredores de Benguela, com a participação de 34 jovens, o Primeiro Acampamento Cultural da Juventude Adventista Europeia de Angola.

Em todos os participantes deixou as mais fundas impressões, pois todos, à compita, formularam ardentes votos de volíarem a reunir-se num próximo futuro Acampamento.

As duas gravuras que ilustram esta singela notícia, bem testemunham, como as primeiras que já se publicaram, o entusiasmo, ordem e elevação com que decorreu o 1.º Acampamento Cultural da Juventude Europeia Adventista Angolana.



Aspecto das tendas do Acampamento

EMISSÕES ADVENTISTAS ANGOLANAS

Os postos emissores de Benguela e de Moçamedes estão a radiodifundir a Mensagem Adventista, em boas condições.

Rádio-Benguela transmite a nossa Mensagem nas Segundas-feiras, às 20 e 30, nas bandas de 31 metros e de 60 metros.

Rádio-Moçamedes também a transmite, nas Quartas-feiras às 19 e 30, na banda dos 42 metros.

Procuremos ouvi-las e recomendêmo-las, também aos nossos conhecidos e amigos.

Através do Mundo Adventista

Colportagem e Seminário

Em consequência do trabalho de colportagem efectuado, durante as férias encontram-se, actualmente, nos vários Seminários e Colégios Adventistas da América do Sul, 670 estudantes, que se preparam para ingressar no ministério.

22 destes jovens são índios da Bolívia. Todos eles conseguiram, na colportagem, através da América Latina, os fundos necessários para pagar a sua escolaragem, durante o corrente ano lectivo.

O baptismo de um sargento dentista

Há cerca de três anos, apareceu incluído na lista da Comissão de Serviços da Guerra, o nome de um sargento dentista, que estava a prestar serviço, na Austrália. Passou, por isso, a receber a interessante publicação *O Instrutor da Juventude*, que nunca foi devolvido.

Recentemente os nossos Irmãos da redacção da revista *Review and Herald* receberam uma carta da esposa daquele sargento na qual se lê: «Devem apreciar, de certo, a boa notícia que lhes vou dar: meu marido foi baptizado nesta nossa verdade da Mensagem do Advento e sente-se muito feliz. Todo o pessoal dos serviços dentários lê e aprecia a literatura que eu lhes envio, desde o capitão até aos serventes.»

Um falcão, uma funda e galinhas

Uma irmã que vive no interior do Peru consagrou o produto de seis galinhas, que ela possui, à causa das missões. É pobre, vivendo do produto de uma pequena propriedade, na qual faz criação de galinhas.

Certa tarde, viu com assombro e desgosto que um falcão se precipitara sobre o bando das galinhas e que rapidamente se ergueu nos ares, levando duas das galinhas dedicadas às missões.

Vendo que não podia recuperar as suas duas galinhas, gritou, num desabafo: «Olha, falcão! Com certeza vais morrer, porque roubaste duas galinhas que pertencem a Deus.»

Mal tinha acabado de falar, quando um garoto, da vizinhança, que andava por ali a brincar, armou uma funda e disparou-a certamente sobre a falcão, que largou as galinhas, que em breve se recompuseram das feridas que haviam recebido, continuando a pôr belos ovos, que são ofecidos ao Senhor.

A Voz da Profecia na Ásia

A. E. Rawson, director da Voz da Profecia, na Divisão Sul-Asiática no seu último relatório, escreve o seguinte:

«Durante o ano passado, abrimos 2 novos cursos, ambos em língua Bengali. Um deles trabalha perto de Calcutá, e destina-se aos índios e o outro está em Dacca, e destina-se aos cristãos do Paquistão. E já estou fazendo planos para abrir uma nova escola em Rangun, e ainda outras duas, noutras localidades importantes. Só num mês se receberam 13.000 inscrições, foram expedidas 119.000 lições e corrigiram-se 84.000 provas escritas, tendo concluído o curso 1.500 alunos.

Podemos ver bem a mão de Deus a proteger tão grande obra. Verdadeiramente a «Voz da Profecia» com a sua divisa de fazer brilhar a fé está a iluminar a Ásia do Sul.»

O Evangelismo laico na União da Alemanha do Sul

É com muito prazer que sabemos que o Evangelismo laico está a desenvolver-se consideravelmente na União da Alemanha do Sul.

Durante os últimos quatro meses o Secretário daquela União visitou 19 dos 55 distritos que a constituem, tendo dirigido cursos de treino de evangelização para os leigos. Dos 841 membros que

assistiram aos cursos, receberam os diplomas de evangelistas laicos 346 irmãos. Aquela União tenciona possuir em breve, 150 evangelistas laicos. Já, presentemente, 61 destes evangelistas se estão servindo de máquinas de profissão para ilustrarem as suas prédicas. Durante o ano passado os evangelistas laicos ganharam para Jesus 350 almas.

A Grande Semana na América

Durante as duas primeiras semanas de Outubro, três dos nossos colégios mais velhos da América do Norte obtiveram grandes êxitos, durante a Grande Semana. Assim, num território limitado, os alunos do Colégio de Walla recolheram, num só dia, 3.850 dólares.

Também uns 600 jovens do Colégio da União participaram na Grande Semana, tendo visitado numerosos lares e armazéns em 23 distritos agrícolas, na Nebraska. Quando os 96 automóveis, em que haviam saído regressaram ao Colégio, apuraram-se 4.245 dólares, só num dia.

A mensagem penetra no Budismo

Pela primeira vez foi o Evangelho prègado na cidade budista de Sarapee. As conferências têm tido uma assistência, que compreende uma média de 300 pessoas. Já se fizeram alguns baptisimos, como consequência deste esforço.

Esforço de Evangelização em África

Na Cidade do Cabo, iniciou-se uma grande campanha de evangelização no dia 5 de Outubro. As igrejas da cidade estão cooperando activamente com os pastores, salientando-se a Juventude, num total de 137 membros que estão activamente ao trabalho, com a distribuição de literatura e de convites para as conferências. Um coro de 56 vozes constitui, também, uma considerável atracção para as reuniões.



A PÁGINA DOS JOVENS

2.º ARTIGO

O AMOR

POR TAYLOR G. BUNCH

A influência da sociedade no desenvolvimento do carácter é muito mais importante do que vulgarmente, se supõe.

É natural que os seres humanos procurem o convívio, o companheirismo dos seus semelhantes, e na proporção dos laços de amizade que os unirem, assim será a influência exercida mutuamente tanto para o bem, como para o mal. Até mesmo quando a influência é inconsciente, ainda é de grande poder. É por isso de importância vital que haja o máximo cuidado na escolha das amizades, principalmente se se tratar da escolha daquele ou daquela que virá a ser o companheiro para toda a vida.

É durante o período das simples amizades que se podem recolher informações que permitam aos jovens reduzir o número dos candidatos potenciais ao casamento, num círculo mais pequeno, dentro do qual se poderá, então, escolher mais segura e acertadamente o companheiro de toda a vida. Mas cada um dos interessados deve ter sempre bem presente que a perfeição não existe em nenhum ser humano; por isso, convém observar, com cuidado se as faltas que se descobrem no companheiro, no amigo, são de some-nos importância, ou se, pelo contrário, são de tal ordem que possam vir a tornar impossível a felicidade na vida conjugal, que se planeia.

Em qualquer decisão que se possa tomar, a favor ou contra o casamento, cada uma das partes interessadas necessita de grande dose de caridade misturada com um bom discernimento. Tão grande e importante decisão não pode ser ditada nem pelo sentimento nem por nenhum outro movimento de simpatia.

Muitos e numerosos defeitos e fraquezas procedem dos primeiros anos da infância, ou porque foram, então, contraídos, em tenra idade, ou porque foram herdados dos antepassados. Há, porém, que contar com as mudanças, que podem sobrevir, mais tarde, chegando a modificar toda uma maneira de agir e de pensar. É evidente que não podemos pôr de parte o poder do Evangelho, mas não há dúvida que ele não deixa de operar de acordo com as realidades próprias do individuo.

É, realmente, uma tragédia, quando uma pessoa, como que acorda — mas demasiado tarde — para a dura realidade de ver que terá de passar todo o resto da vida, ligado a um jovem de feito impossível, ou a uma jovem estragada pelos mimos da casa dos pais; e a tragédia é tremenda, quando não se vislumbram esperanças de melhoria!

Como vimos no 1.º artigo, é muito importante que o período de prova da amizade inclua o conhecimento de todos os membros da família, uma vez que se

pretende fazer parte dessa mesma família. Pode dizer-se, em certo sentido, que cada um dos jovens casa com toda a família do cônjuge. É, precisamente, neste período que se devem analisar e estudar, cuidadosamente, os vários membros da família, a que se vai pertencer, nomeadamente, os parentes mais chegados; trata-se de estabelecer laços que deverão manter-se, por toda a vida.

Os jovens deveriam lembrar-se da declaração da Sagrada Escritura, «Qual a mãe, tal é a sua filha» (Ezequiel 16:44). O tempo e a experiência têm demonstrado a verdade desta regra, embora, evidentemente, tenha havido algumas excepções notáveis. Talvez que o mesmo princípio se possa aplicar, em menor grau, aos rapazes. Por isso, não é só a futura sogra, que se deve avaliar, cuidadosamente, mas também, o futuro sogro, assim como os futuros cunhados e cunhadas.

É deveras importante que os jovens saibam distinguir entre o amor e o seu simulacro — uma suposta paixão, ou paixoneta. A paixoneta enfraquece a inteligência que fica privada de formular bons juízos. Destronando a razão, que deixa de ser um guia sensato, torna-se bastante perigosa.

Caracteriza-se a paixoneta, pela maneira irreflectida de falar e de proceder, sendo, por isso, responsável por mais enganosa trágicos os que se têm cometido no casa-

mento, do que todas as outras causas juntas.

A paixoneta assenta em meros sentimentos, emoções, impulsos e sentimentalismo, cegando todos aqueles que a alimentam.

O contrário sucede com o verdadeiro amor, pois assenta, primariamente nas atracções do carácter, em vez do encanto físico.

Quem não tiver grande físico, mas que possua um carácter nobre, torna-se, cada vez mais atraente. É possível manter e conservar um bom carácter, durante mais tempo, do que um aspecto físico belo.

É o amor a mais bela de todas as relações entre os seres humanos, ou entre o homem e Deus.

Henry Drummond disse do amor que é «a coisa mais maravilhosa no mundo». Já bastante avançado na idade, o Dr. S. D. Gordon referiu-se à felicidade, que usufruiu, durante 50 anos de vida conjugal, porque, na juventude, tanto ele como a esposa haviam suplicado fervorosamente, a guia divina; e quão maravilhosamente não foram ouvidas as suas orações!

Milhares de esposos viveriam, hoje, mais felizes, se tivessem consultado e orado ao Senhor para que os guiasse e protegesse quando iam dar um dos mais importantes passos na sua vida. Uma vez que não podemos conhecer o futuro, temos necessidade de suplicar a guia d'Aquele que o conhece. É triste termos de confessar que a maior parte das vezes se põe mais cuidado e diligência quando se procura um sócio para qualquer empresa comercial do que para a escolha do companheiro ou companheira de toda a vida, quando esta última escolha deveria ser muito mais pensada, pois trata-se de constituir uma sociedade que interessa tanto à vida presente, como até à vida futura. O matrimónio é indissolúvel, dissolve-se ou pela morte de um dos cônjuges ou em caso de infidelidade moral. O nascimento dos filhos alarga o problema e aumenta a responsabilidade de ambas as partes perante o acordo conjugal. Por isso, em consequência de todos os seus problemas, é necessário que todas

as pessoas que pensam em casar, se preparem para tão importante acto, com o máximo cuidado e com fervorosas orações.

Enquanto se sentem profundas emoções, tudo vai correndo bem, normalmente; mas quando a vida reentra na rotina habitual há a impressão de que o amor principia a morrer. Ora, isto não é necessariamente verdadeiro. Quando o lume se acende, as chamas costumam ser largas e muitas vezes acompanhadas dum ruído especial do crepitar característico, por vezes, aborrecido; só passado algum tempo, quando o fogo está bem ateado, é que produz calor agradável acompanhado de belo conforto e satisfação. Esta imagem ilustra relativamente bem o que acontece com o amor, quando passa da sua primeira fase, para as suas manifestações posteriores.

Sómente aqueles que aprenderam a amar a Deus, de todo o seu coração, são capazes de amar os outros como a si mesmos, e praticar assim a regra áurea, que é o segredo de um lar feliz. O verdadeiro amor coloca aqueles que o experimentam numa atmosfera celestial, um pequeno paraíso na terra. Neste pequenino reino celestial, as dificuldades parecem bagatelas e o tempo nunca decorre com monotonia.

Sobre a experiência de Jacob em casa de Labão, lemos o seguinte: «Raquel era de formoso semblante à vista.... Assim serviu Jacob sete anos por Raquel, e foram aos seus olhos como poucos dias, pelo muito que a amava». (Génese 29:17,20). Raquel era formosa à vista e amável de carácter; por isso o tempo que Jacob teve de esperar, pareceu-lhe pouco, mesmo quando teve de esperar outros 7 anos, em consequência do ardid de Labão.

Quando a amizade deriva para o amor, os dois jovens sentem-se transportados para um novo mundo, onde quase todas as coisas se tornam novas. Até a própria vida assume um novo significado, quando todos os planos e decisões são feitos à luz desta nova relação. Nenhum dos namorados toma uma decisão importante sem o conhecimento e o consentimento do outro.

Não deve haver nenhuma manifestação de amor ou de atenção que não possa ser dirigida para o estado conjugal, incluindo as ofertas de flores, assim como as frequentes cartas, porque qualquer mudança nestas práticas poderia facilmente dar a impressão de que o amor está a enfraquecer. Por isso não se deveria começar nada, que não possa ou não se deva continuar.

Que os jovens nunca esqueçam que assim como a amizade é a escola preparatória para o namoro, assim também o namoro é a aprendizagem para o casamento, condicionando, assim, uma experiência de ascensão constante numa atmosfera de felicidade, através de toda a vida.

Tudo isto, porém, será impraticável, se o Senhor não controlar a vida e actividades dos jovens, pois é Ele a única verdadeira fonte do amor e da felicidade perenes.

A seguir: O NAMORO

AS NOSSAS EMISSÕES

As nossas Emissões, em português, podem ouvir-se, em boas condições através de

Rádio África Tânger

na banda dos 506 metros (593 ke), todas as segundas-feiras, às 22 horas.

Ouçamos as nossas belas emissões da VOZ DA PROFECIA, em português, e recomendamos aos nossos amigos e conhecidos que também as ouçam.

Apresentam lindos coros polifónicos e a gloriosa Mensagem da Salvação.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

NOTÍCIAS DO CAMPO

Escrevo algumas horas antes de partir para Collonges; porém não o quero fazer sem aproveitar a oportunidade que a «Revista Adventista» me concede para escrever algumas linhas, que serão uma espécie de pequenina e amiga mensagem que vos dirijo.

Decorreram 10 meses de trabalho na Colportagem, nesse magnífico campo onde tão bem se podem manifestar as bênçãos de Deus. Há grandes dificuldades e perante a dura e humilde tarefa um Colporteur poderá muitas vezes sentir-se pequeno, mas o Senhor espreita as ocasiões e obra maravilhas, verdadeiros prodígios. Quando com os olhos da fé nos lançamos para a frente, a expe-

riência é deveras maravilhosa. Se há quem duvide, que experimente!...

Gostaria de clamar bem alto quanto estou grato ao Céu pela vitória concedida, só possível por um conjunto de muita oração, trabalho e boas vontades.

Consegui algumas amizades, reconheci que apesar de muita maldade e miséria no espírito do mundo, ainda há lá fora corações admiráveis, almas boas e sinceras no Bem. Tive ocasião de inscrever no curso da Escola Rádio-Postal alguns alunos, ofertar algumas publicações dirigindo palavras de conforto e dar uma centelha de fé a muitos desanimados.

Não desejo roubar mais espaço,

mas aqui ficam os meus desejos, de todo o coração, de muitas prosperidades e comunhão do Céu para vós.

José Manuel Pereira de Matos

LISBOA

Baptismos

A Igreja de Lisboa teve a alegria de aconher no seu seio mais duas preciosas almas que no dia oito de Novembro desceram às águas baptismas.

A cerimónia teve início pelas 15,30 horas, com o cântico n.º 139 e uma oração pelo Director-Interino do nosso campo, Pastor Pedro

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS DE JANEIRO A NOVEMBRO DE 1958

NOMES	HORAS	LIVROS		REVISTAS		Valor Total
		N.º	VALOR	AVULSO	ASSINATURAS	
Manuel de Jesus Correia Ratana	1.412	214	5.830\$00	10\$00	50.260\$00	56.100\$00
Adelino Nunes Diogo	1.763	462	13.690\$00	585\$00	27.290\$00	41.565\$00
António Gomes Duarte	2.020	639	17.615\$00	2.005\$00	18.600\$00	38.220\$00
Eliseu Gomes	1.129	357	6.610\$00	95\$00	26.650\$00	33.355\$00
Inácio Duarte da Conceição	1.739	184	5.577\$50	450\$00	26.310\$00	32.337\$50
João António	1.795	753	25.312\$50	—\$—	—\$—	25.312\$50
Maria Luísa Saboga Serra	1.077	3	85\$00	—\$—	23.600\$00	23.685\$00
Amílcar Godinho Lopes	608	216	10.915\$00	310\$00	10.500\$00	21.725\$00
José Manuel Pereira de Matos	254	12	430\$00	15\$00	19.300\$00	19.745\$00
Elias Mendes Rodrigues	1.495	358	10.317\$50	840\$00	8.585\$00	19.742\$50
António Tomás Pinto de Aguiar	693	115	3.105\$00	550\$00	14.475\$00	18.130\$00
Isaías da Silva	1.196	133	2.160\$00	2.100\$00	11.905\$00	16.165\$00
Artur Abreu de Oliveira	591	43	1.295\$00	225\$00	10.880\$00	12.400\$00
Domingas da Conceição Martins	1.408	133	2.880\$00	1.480\$00	7.780\$00	12.140\$00
Marcolino Oliveira	1.880	133	2.970\$00	3.050\$00	6.100\$00	12.120\$00
Ernesto de Sousa Almeida	271	51	1.630\$00	235\$00	7.400\$00	9.265\$00
Eduardo Moniz Andrade	247	32	310\$00	20\$00	8.875\$00	9.205\$00
Afonso António	1.599	289	7.415\$00	—\$—	—\$—	7.415\$00
Anselmo Gorgulho de Almeida	78	175	3.860\$00	160\$00	3.200\$00	7.220\$00
Francisco Quintino	358	22	790\$00	1.279\$00	1.950\$00	4.019\$00
Joaquim dos Reis Lopes	197	1	10\$00	85\$00	3.340\$00	3.435\$00
Judite Gabriela de Aguiar	60	—	—\$—	130\$00	3.250\$00	3.380\$00
Maria da Conceição F. Rezende	221	20	625\$00	875\$00	1.900\$00	3.400\$00
Fernando Caetano Nunes	210	3	45\$00	210\$00	2.500\$00	2.735\$00
Joaquim Dias de Oliveira	97	1	30\$00	75\$00	2.560\$00	2.665\$00
Micaela do Céu Dias da Silva	164	55	1.597\$00	35\$00	975\$00	2.607\$00
António Augusto Lopes	258	3	50\$00	455\$00	1.950\$00	2.455\$00
Arnaldo Martins	109	—	—\$—	105\$00	1.400\$00	1.505\$00
Celestina e Ester Gomes Duarte	137	—	—\$—	420\$00	1.000\$00	1.420\$00
João José Parreira Lopes	45	—	—\$—	20\$00	750\$00	770\$00
José Duarte Henriques	50	9	135\$00	—\$—	600\$00	735\$00
Daniel José Soares Freire	22	15	390\$00	30\$00	200\$00	620\$00
Maria Ester Cardoso Guedes	49	—	—\$—	5\$00	550\$00	555\$00
Zulmira Pinto Machado	17	4	140\$00	10\$00	200\$00	350\$00
Diversos	1.546	737	12.385\$00	3.485\$00	35.235\$00	51.105\$00
<i>Totais.....</i>	<i>24.795</i>	<i>5.212</i>	<i>138.204\$50</i>	<i>19.349\$00</i>	<i>340.070\$00</i>	<i>497.623\$50</i>

O Secretário de Publicações

J. Simões Grave

Ribeiro. Perante uma boa assembleia curiosa e comovida, o mesmo Irmão, por versículos bíblicos apropriados, sublinha mais uma vez a importância do verdadeiro baptismo e da respectiva preparação espiritual; passa em seguida ao habitual exame das candidatas (uma Senhora já de avançada idade, que durante vários anos esperou com ansiedade este belo momento, em que pôde enfim dar cumprimento à ordem do Mestre a quem ama, e uma Jovem que após ter frequentado assiduamente as nossas reuniões durante alguns meses, desejou também dar o seu testemunho público de que aceitou a salvação que lhe oferece Jesus).

Enquanto eram mergulhadas nas águas, e o Pastor Ribeiro as baptizava em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, a Igreja entoava as estrofes do hino 127.

Após a entrega do diploma e duma pequena lembrança cantamos um hino alusivo à volta de Jesus e fomos despedidos em oração pelo Irmão José Graça.

Que o Senhor continue a Sua obra no coração de muitas mais almas, em especial daquelas que nesta tarde vimos levantadas em resposta a um fervoroso apelo que lhes foi dirigido, para que em breve possamos de novo participar duma semelhante festa espiritual!

Casamento

No dia 2 de Novembro uniram-se pelos sagrados laços do matrimónio os Jovens Rute Teixeira, membro da Igreja do Barreiro, e Armando Ferraz, de Lisboa; assistiu o Director-Interino da União, Pastor Ribeiro.

O acto, revestido de grande simplicidade, foi no entanto comvente e mais uma vez se ouviram os belos conselhos que, postos em prática, formam um lar cristão feliz.

Desejamos as maiores bênçãos aos nubentes, que neste momento se encontram no nosso Seminário de Collonges preparando-se para o Santo Ministério.

Aguardando a Ressurreição

Duas Irmãs da Igreja de Lisboa adormeceram na paz do Senhor:

Amélia Pereira Linhares — Com 81 anos de idade, baptizada em 1953, veio a falecer no dia 30 de Outubro, após um mês de sofrimento.

Na sua residência e no cemitério, o Irmão David Vasco lembrou algumas das promessas de Deus que confortaram a nossa Irmã até ao seu último momento de vida.

Balbina de Oliveira Furtado — Com bastante pesar participamos o falecimento desta Irmã que depois de ter passado alguns meses de grande sofrimento, adormeceu no dia 30 de Novembro.

Com palavras inspiradas nas Santas Escrituras, o Pastor Alberto Raposo deixou sem dúvida conforto no coração daqueles que choraram a perda do seu ente querido, em especial seu marido e filho, respectivamente os Irmãos Joaquim e Dario Furtado.

A Irmã Balbina tinha 64 anos de idade e era membro de Igreja havia 23 anos.

Mais uma vez apresentamos as nossas condolências à família enlutada.

Não podemos passar sem fazer referência à morte dum membro da Igreja de S. Vicente, Cabo Verde, que estava internado no Hospital Curry Cabral havia dois anos e meio. Era a querida Jovem *Maria do Espírito Santo Lima* («Bia»), de 26 anos, que a doença cruel vitimou, não permitindo que voltasse para junto de sua mãezinha, a quem ela tanto queria!

Tive oportunidade de a visitar

assiduamente durante a sua estadia aqui no Continente, e, nomeadamente, dois dias antes do seu falecimento, constatando, então, com muita tristeza que por pouco tempo poderia contemplar aquele rosto amigo. Mas, ao mesmo tempo, que prazer espiritual não senti quando, ao ler-lhe o Salmo 23, ela repetiu com tanta coragem «Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte não temeria mal algum porque Tu estás comigo»!

Pelo seu carácter verdadeiramente cristão, demonstrado pela paciência e bondade, conquistou a simpatia tanto de suas companheiras, como de Médicos, Enfermeiras e de todos os que com ela contactaram.

No dia 23 de Novembro, na casa mortuária e no cemitério, onde os Jovens da Igreja de Lisboa e uma grande parte dos Irmãos, desejavam acompanhar a prezada Bia à sua última morada terrestre, o Pastor Ribeiro falou acerca da ressurreição e exortou todos os presentes a prepararem-se para a revermos no grande dia da volta de Jesus.

A secretária: *M. R. Saboga*

Pastor P. de Brito Ribeiro

Esteve, em Gland, a assistir à Conferência de Inverno da Divisão Sul-Europeia, o nosso prezado Irmão, Pastor P. de Brito Ribeiro, Director-Interino da nossa União.

Dirigiu os trabalhos da Conferência o Pastor Fridlin, Presidente da Divisão; assistiram alguns representantes da Conferência Geral e os Directores das Uniões que constituem a Divisão.

De acordo com os relatórios apresentados verifica-se que em todos os campos se nota um operoso espírito de evangelização, que com a ajuda do Senhor, está contribuindo para difundir a Mensagem e apressar a Vinda do Salvador.

Estabeleceram-se novos planos para que o trabalho evangelizador através de toda a Divisão se intensifique cada vez mais.

Entre as resoluções tomadas concernentes a Portugal foi resolvido transferir para a União Angolana, a Missão de S. Tomé que tem pertencido à União Portuguesa.

A proximidade da província de S. Tomé da província angolana indica, claramente, que se pode manter um contacto mais rápido entre as nossas igrejas daquelas remotas províncias ultramarinas.

A incorporação da missão de S. Tomé na União de Angola efectivar-se-á a partir do próximo mês de Janeiro de 1959.

Notícia da última hora

Director da União Portuguesa

Quando já a nossa REVISTA ADVENTISTA estava no prelo chegou a notícia de que o Pastor Armando Casaca fora nomeado Director da União Portuguesa.

O Pastor Armando Casaca que até à data tem desempenhado o cargo de Secretário da União Angolana, depois de ter dirigido a Escola do Bongo, e trabalhado, activa e zelosamente nos vastos campos angolanos, deve chegar ao Continente, dentro em breve.

Que o Senhor o abençoe, e aos seus, e com os votos de boa viagem, que também lhe conceda um frutuoso apostolado.

(Continuação da pág. 6)

valecer o mandamento de Deus, passou a Igreja a praticar um preceito de origem humana e pagã. Tal era a apostasia que já principiava a fermentar.

Além da mudança do repouso semanal, a Igreja admitiu outros costumes que a fizeram desviar, ainda mais, da sua pureza evangélica original. Foi só por esta época do século IV que apareceram as imagens de escultura, adornando os templos cristãos, como uma influência dos pagãos atraídos, mas não convertidos à Igreja Cristã.

Foi, também, pela mesma época que principiaram as peregrinações à Terra Santa, ao santo sepulcro, e a trazer relíquias da Palestina, que eram vendidas por subido preço; começaram, também, a dedicar-se datas especiais aos santos e a venerá-los, quebrando-se, assim, o segundo mandamento da

Lei de Deus; pratica-se o baptismo por aspersão, substituindo o baptismo por imersão, conforme era uso na Igreja primitiva, apostólica.

Como era de esperar, os fiéis e sinceros não se deixaram ofuscar pelo brilho da vaidade e do orgulho de a sua Igreja ser considerada Oficial, mas permaneceram firmes na prática do Evangelho primitivo, mantendo a pureza das suas normas e condenando a apostasia crescente.

E a Igreja que fora perseguida, quando ainda era pura, transformou-se em perseguidora contra os que queriam defender a sua primitiva pureza. Esta onda perseguidora durou cerca de 1200 anos, e significou o extermínio de uns cem milhões de crentes que não se curvaram perante as exigências do poder apóstata.

Esta tremenda perseguição recebeu o título irónico de «Santa Inquisição» e cumpriu à risca a

profecia de Apocalipse 17:5 e 6, e de Daniel 7:21 e 25.

Depois de contemplarmos estes quadros da história da Igreja, vemos que apesar da sua expansão e volume na Terra, deixou, contudo, de ser aquilo para que Deus a destinara. E, assim, como os Judeus foram rejeitados como nação, quando deixaram de praticar a vontade pura de Deus, também a Igreja Cristã apostatada, já não é a verdadeira Igreja de Deus na Terra, uma vez que se afastou da linha de conduta que o Senhor Jesus lhe traçou.

Há, contudo, no seu seio, muitos fiéis sinceros e honestos que julgam que estão agindo correctamente, assim como Paulo de Tarso julgava agir com acerto, quando perseguia os Cristãos. Deus fala, mui especialmente, para estes, quando diz:

«Sai dela povo meu para que não incorras nos seus pecados e não participes das suas pragas.»

(Continuação da pág. 9)

quaisquer outros cidadãos portugueses.

Sendo assim, justo seria que, a exemplo do que se passa noutros países civilizados, as Escolas e na Vida Militar fossem respeitadas as convicções dos observadores do Sábado e dos que, por motivos religiosos, desejam servir a sua Pátria sem recorrer ao uso das armas.

Assinalámos, noutro artigo (1), o perigo em que se encontram as minorias religiosas pelo facto de não figurar nenhum representante seu na Secção dos Interesses de Ordem Espiritual e Moral, da Câmara Corporativa.

Mas estamos talvez em vésperas de incorrer num perigo de maiores consequências. Na Lei n.º 2086, de 22 de Agosto de 1956, pela qual foram instituídas as Corporações, promete-se, na Base XV, que «o Governo promoverá a instauração de corporações morais e culturais, cabendo-lhe definir quais os ramos da actividade social que devem ser considerados corpora-

ções na ordem moral e cultural ou a elas equiparados». Anuncia-se agora para breve a criação de tais corporações.

Ora é legítimo supor que essas corporações venham a ocupar-se de actividade de particular importância para as minorias religiosas. Se assim for, e se as minorias

religiosas, que não são para desprezar, não estiverem representadas, não só não serão defendidas nos seus direitos, mas correrão o risco de serem positivamente prejudicadas em favor dos interesses da religião dominante.

Ficaremos indiferentes perante as nuvens que se acumulam?

TESTES BÍBLICOS

Os nossos jovens, mais novos, têm aqui perguntas, relacionadas com o Natal. Escrevam adiante de cada uma delas, no meio dos parênteses () a letra V ou F conforme a pergunta for verdadeira ou falsa.

Vejam que não custa nada!...

1 — Jesus nasceu numa mangedoura, em Nazaré. ()

2 — O Sol brilhava quando os pastores receberam a alegre nova do nascimento de Jesus. ()

3 — O anjo disse: «Eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo; pois na cidade de David, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor». ()

4 — Os pastores cantaram: «Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens». ()

5 — Os pastores resolveram ir a Belém para ver o Menino Jesus. ()

6 — Pediram aos anjos que os guiassem até ao estábulo, onde Jesus estava deitado numa mangedoura. ()

7 — O rei Herodes ficou satisfeito quando soube que Jesus nascera. ()

8 — Os três magos levaram presentes a Jesus.

9 — Os três magos não voltaram a Jerusalém a dar conta a Herodes do que tinham visto.

(1) «A Constituição Portuguesa e a Liberdade Religiosa», em *Revista Adventista*, Dezembro de 1956, pág. 9.